

As margens da internet

Jean Pierre Chauvin (jpchauvin@terra.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/4835201440754201>)

“Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte (...)”

Sigmund Freud, *O mal-estar na civilização*, p. 81.

DEMOCRACIA CIBER?

Em termos gerais, pode-se dizer que a coexistência de múltiplas linguagens e alguma tecnologia sempre estiveram no horizonte da arte literária, especialmente após a revolução cultural e estética aportada pelo Romantismo, no século XIX; continuada no Realismo; evidenciada na virada para o século XX; mimetizada, enfim, pelas estéticas de vanguarda do Modernismo.

De certo ponto de vista, incrementou-se entre escritores e leitores a utopia de que a maior velocidade nos meios de comunicação permitiria um contato abrangente, ainda que liquefeito, e cada vez mais colado aos fatos transcorridos no minuto anterior. A vigência do instante-já se associa à agilidade gradativamente maior (contraparte da pressa) que caracteriza o falar e o agir dos homens, ao longo do nosso tempo.

O acesso instantâneo à informação prometia, há poucas décadas, uma sociedade cultural e tecnologicamente mais democrática, suplantando a configuração de um público leitor elitizado e cercado de privilégios sociais, sob a forma do conhecimento e respectivo poder.

Um dos efeitos imediatos, no entanto, foi a padronização das manifestações culturais, como alertara Adorno em 1962: “A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior.” (1978, p. 287)

Da *Odisséia*, de Homero, ao *Space Odissey*, de Stanley Kubrick; do épico-coletivista ao globalizado-particularista, a cultura aderiu às diferentes formas de prestígio. As distinções, no princípio dos tempos, diziam respeito ao povo, à nação: o período helenístico, na Grécia Antiga; a Idade de Ouro, entre os romanos; a Escolástica, durante a Idade Média; as Universidades

racionalistas do Iluminismo europeu; o fordismo e o pragmatismo anglo-saxões no século XX.

Hoje, em suma, os critérios que nos diferenciam – basicamente, incluir ou excluir econômica, cultural, social ou digitalmente – estão no âmbito do **culto supremo do eu**, sejam os homens aqueles de uma mesma nação, sejam os moradores de um mesmo bairro.

O hiperindividualismo coincide não apenas com a internalização do modelo do *homo oeconomicus* que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo), mas também com a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos, junto a uma maré montante de patologias, distúrbios e excessos comportamentais. (LIPOVETSKY, 2007, p. 56).

VELOCIDADE OU PRESSA?

Todos têm pressa de encerrar os compromissos – escolares, acadêmicos, profissionais, familiares e afetivos. Todos sentem urgência em se envolver com os outros, coisas ou pessoas, como se cada evento (fila de banco) ou relacionamento (não só o casual) se tratasse apenas de uma etapa, de um estágio imediatista, superficial e a frio, aparentemente sem a necessidade de um maior comprometimento.

A esse paradoxo (desenvolver um projeto sem nele se envolver) liga-se a pressa sem motivo, a rebeldia sem causas, menos ainda as de natureza ideológicas. Contagiantes, a velocidade e menor densidade com que decidimos e resolvemos as questões de natureza tão variada é nítida. Seus efeitos e sintomas são automaticamente transferidos ou contaminados pelos meios de comunicação expressa.

Especialmente no âmbito da leitura, mais se retêm imagens que o verbo; mais se (de)codificam sistemas do que se compreendem as pessoas que os compõem; mais se valoriza a quantidade de informação e eficiência que a qualidade, que demanda tempo de parada para a reflexão. Jamais as janelas de programas numa mesma tela foram tão ou mais importantes que o conteúdo de que elas dispõem e raros lêem.

A literatura contemporânea, ao pagar tributo aos ídolos da velocidade, vê-se ameaçada a pulverizar-se em pequenos fragmentos de substância lírica, ou em relatos mínimos consubstanciados em parábolas. Tudo regido pelo princípio do menor esforço com que se lisonjeia a preguiça mental e se estende, sobre o campo da opinião pública, o manto consumista a cobrir a sociedade despolitizada. (LUCAS, 2001, p. 52)

Há um descompasso, portanto, entre o que se dispõe ao homem, ilustrado, internauta, e a intenção ou capacidade de (tudo) ler. De outro ponto de vista, todos querem interagir – postando comentários sobre determinadas notícias ou registrando opiniões eivadas de senso-comum em blogs a que outros “eus” terão acesso e de onde retirarão suas reflexões, em segunda ou terceira mão.

A crescente demanda de velocidade, não mais medida em quilômetros, nós, léguas ou anos-luz, re-codifica a noção de tempo e espaço, que sofreu nova ruptura com o advento da rede mundial de computadores e celulares, no breve intervalo de duas décadas de progressiva e maciça virtualidade.

IDENTIDADE OU REGISTRO?

Usuários de um sistema virtual que se auto revalida e reproduz estéticas e modos de comportamento, memorizamos fórmulas de atalho à felicidade, incontáveis senhas e documentos de identificação que nos acompanham nas decisões com prazo estipulado – do cadastro em “sites” culturais ou comerciais à declaração do imposto de renda – como também respondemos por IP’s, na mediação com o mundo, o “real”, vinculados que somos/estamos às máquinas.

Ironicamente, é por intermédio da própria internet – sistema que se baseia no par invasão *versus* vigilância, ou, em termos mais brandos, em interação *mais* segurança – que muitos dentre nós questionam os sistemas outros quaisquer, de cujos esquemas discordamos ou desconfiamos. Perfazemos um mesmo coro de pseudo-protestos. Padrão social ou cultura de nosso tempo? Segundo Zygmunt Bauman:

(...) a noção de cultura foi cunhada segundo o modelo da *fábrica de ordem* (...) o estado máximo que se considerava que a cultura atingiria era o de um sistema, em que cada

elemento tem uma função a cumprir, em que nada é deixado ao acaso, nenhum elemento é deixado sozinho, mas se ajusta, se combina e coopera com outro. (1998, p. 163)

Potencialmente, todo internauta – mais ou menos culto - teria acesso aos discursos de veto ou sanção alheios. Mas, de fato, quem lê o quê e por quê? Ainda que algum interessado consumidor de cultura ou singelo leitor o faça esporadicamente, é ele mesmo quem primeiro se aproveita da informação obtida, empregando-a em benefício próprio - e certamente, muito antes de pensar ou cogitar o bem comunitário.

Teria a internet propiciado a leitura democrática, ou ao menos, generalizada? Sim e não. A resposta será positiva se considerarmos que boa parte da comunicação entre os internautas se dá via texto. Isso implicaria afirmar que, de uma forma ou de outra, as pessoas revalorizaram a escrita como forma de diálogo e alguma cognição.

A resposta será negativa, no entanto, se levarmos em conta que praticamente nada se lê sobre filosofia, ciência, política ou arte – apesar das milhares de obras disponibilizadas on-line, em gigantescos “bancos de cultura” que permitiriam ilustrar, por exemplo, as ressalvas contra os sistemas (escolar, profissional, familiar, particular e social) em que se (sobre)vive.

Acrescente-se que, no âmbito textual, o diálogo restrito à conversa informal e a distância envolve uma crescente fragmentação. Ela se deve à pressa de todos por se comunicarem e de se fazerem lidos/compreendidos, e à cristalizada superficialidade, em função da falta de repertório - ou seja, de outros modelos discursivos. Sem qualidade na comunicação, estamos dispersos socialmente e desprovidos de autonomia. Para Gilberto Dupas:

O exercício da democracia é a luta permanente dos sujeitos contra a lógica dominante dos sistemas. No entanto, o espaço da liberdade está se reduzindo progressivamente a um ato de consumo. A internacionalização das mídias e o progressivo rompimento do delicado equilíbrio de fronteiras entre Estado, sociedade civil e indivíduo fazem a prática dessa liberdade dissociar-se cada vez mais da ideia de compromisso com sua sociedade e seu meio cultural. A democracia passa a ser ameaçada em duas frentes principais: o individualismo extremo, que abandona a vida social aos aparelhos de gestão e aos mecanismos de mercado; e a desagregação das sociedades política e civil. (2003, p. 11)

Todos têm muito o que dizer ou, ao menos, repetir. Jean-François Lyotard lembra que “falar é combater, no sentido de jogar, e que os atos de linguagem provêm de uma agonística geral.” (2008, p. 17). Ao caráter competitivo da linguagem vincula-se outro jogo de máscaras, mais ou menos evidentes: o egocentrismo.

Uma das faces da era do individualismo se revela: o império do narcisismo encontra-se rigorosamente entre a carência generalizada - de uma série de atenções - e o egocentrismo. Todos querem receber em proporção absolutamente inversa ao quanto podem ou têm a oferecer.

(RE)PRODUÇÃO?

O Modernismo, ligado às correntes de vanguarda no entre-guerras, é entendido didaticamente como um conjunto de manifestações culturais, políticas e econômicas, preparado desde o final do século XIX e com o prazo vencido por volta dos anos de 1950. Como movimento de ruptura estética, também se vinculava ao surgimento da arte em escala serial e ao fordismo, com suas linhas de produção, convertidas depois em lanchonetes *fast food*.

Já o Pós-Modernismo retomou e subverteu o critério de originalidade dos românticos: eis o regime de reprodução que, veiculado pela arte *pop*, foi internalizado pelos indivíduos. Tudo se imita e o que se julga criar é, em boa parte dos casos, decalque à beira da grosseria, pastiche com fumaças de refinamento de gosto. No máximo, paródia de bom-tom.

Nem mesmo os questionamentos menos inócuos escapam à feição de pseudocrítica: sorte de metalinguagem por falta de argumentos. Segundo Adorno:

O que na indústria cultural se apresenta como um progresso, o insistentemente novo que ela oferece, permanece, em todos os seus ramos, a mudança da indumentária de um sempre semelhante; em toda parte a mudança encobre um esqueleto no qual houve tão poucas mudanças como na própria motivação no lucro desde que ela ganhou ascendência sobre a cultura. (1978, p. 289)

Nas artes plásticas, as instalações comunicam alguma coisa a um seleto grupo de especialistas; na literatura, o épico que se convertera em romanesco, com a poderosa ascensão do romance e de seu público leitor, entre os séculos XVIII e XIX, cede lugar ao romance episódico; na música, a repetição de estruturas vem calcada no ritmo, em detrimento da melodia; na arquitetura, o funcional soterrou os adornos e trabalhos da forma; na dança, a riqueza dos gestos cede lugar à performance.

O caráter utilitário transparece inclusive na caótica configuração das grandes cidades, em que o ir e vir prioriza a necessidade e não mais o lazer. Em maior escala, tornam-se menos distintas as figuras do turista com roteiro pré-determinado e do habitante entediado. Para Guy Debord: “o turismo, circulação humana considerada como consumo, resume-se fundamentalmente no lazer de ir ver o que se tornou banal.” (2007, p. 112)

Na égide do mundo a distância, em face dos relacionamentos interpessoais os cliques substituíram os cumprimentos. Ainda há quem discuta a sério, consumindo o tempo de uma conversa ao vivo, se o “sexo cibernético” é mais uma forma de interação ou uma traição. Assumirá o ser humano um novíssimo e involuntário exemplar do *kitsch* de si mesmo?

De certo modo, o cinema e as mídias do mundo virtual fazem o papel anteriormente reservado à fantasia romanesca, cujo apogeu se deu no século XIX. Nas palavras de Abraham Moles:

O Kitsch apresenta um herói que caminha através dos embates. Em todas as variações possíveis desses embates, mantém um coração puro, inalterável, um amor profundo e acima de toda e qualquer razão. O industrial é poderoso, voluntarista, eficaz. A mulher bela é pobre – o que é ligeiramente inverossímil. A criança está perdida; o servidor é fiel; o amigo é leal e o irmão é fraternal. (1975, p. 119)

As imbricações parecem evidentes. Se antes nos espelhávamos no *homo fictus*, hoje atuamos como personagens inspirados em filmes e em nós mesmos. Em síntese, reproduzimos e re(a)presentamos como nunca. Acima de tudo, está a franca permeabilidade entre os papéis que assumimos. “A cada instante, o leitor está pronto a converter-se num escritor.” (1996, p. 184) – percebera Walter Benjamin.

À catarse legada pela Antiguidade ocidental, entre a tragédia refinada e a comédia desbragada, cultivamos hoje uma emoção imediata e passageira, mediante o valor do ingresso das grandes redes de cinema e controlada pelo tempo médio de extensão do filme com final previsível.

A universalidade e a instantaneidade da informação, operada esta por veículos envolventes e de estimulação de todos os sentidos, têm isolado as pessoas, justamente quando se dá a despolarização e se observa o crepúsculo das utopias. A vocação narcísea se postou no horizonte, coincidentemente com o momento em que o sentido da vida é buscado em procedimentos mágicos ou em técnicas de auto-ajuda. (LUCAS, 2001, p. 14)

Sentir e racionalizar são, ambos, verbos perfeitamente administráveis, parece dizer o nosso tempo: pós-fordista, democrático, mas só liberal; hiperindividualista e ingerente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. Tradução: Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (org.) Comunicação e indústria cultural. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 287 – 295.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 9ª reimpressão. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DUPAS, Gilberto. Tensões contemporâneas entre o público e o privado. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. 3ª reimpressão. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 10ª ed. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LUCAS, Fábio. Literatura e comunicação na era da eletrônica. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLES, Abraham. O Kitsch. 2ª ed. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SOBRE O AUTOR

Jean Pierre Chauvin é mestre (1999-2002) e doutor (2003-2006) em Teoria Literária e Literatura Comparada - USP, graduado em Letras (Português) pela mesma Universidade (FFLCH, 1995-1998), onde também cursou a Licenciatura Plena (FE, 1999-2000). Como docente, trabalha com ênfase em literatura, produção textual e língua portuguesa nos níveis fundamental, médio e superior. Seus principais temas de estudo são a literatura brasileira (Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto), teoria literária e literatura comparada, literatura portuguesa (José Saramago), comunicação e educação. Autor de *O Alienista: a teoria dos contrastes em Machado de Assis*. São Paulo: Reis, 2005, é professor das Faculdades Hotec e Metodista e do Colégio da Polícia Militar, em São Paulo.

